

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

A Enciclopédia das Provas e dos Milagres

As provas da profecia de Muhammad ﷺ e da veracidade do Alcorão

Milagres científicos · Testemunhos históricos e arqueológicos · Profecias cumpridas

Os anúncios da Torá e do Evangelho · O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto

Explicado para que uma criança acompanhe · 157 ilustrações coloridas

157 provas, ordenadas pela sua força



Quarta Parte

Os milagres físicos do Profeta ﷺ



O que seus Companheiros viram com os próprios olhos e nos transmitiram por cadeias ininterruptas: a água que brotava entre seus dedos, o tronco de tamareira que chorou por ele, a lua partida sobre Meca.

16 provas

A lua se partiu sobre Meca

A Hora se aproximou, e a lua se partiu. E, se veem um sinal, afastam-se e dizem: magia passageira.

Sura al-Qamar — versículos 1-2



Um acontecimento visto por todo o povo de Meca — crente e negador igualmente

🔍 Em palavras simples

A lua se partiu no céu em duas metades, de modo que as pessoas viram o monte Hira entre elas. E os idólatras não negaram que tinham visto — disseram: «**Muhammad nos enfeitiçou.**»

⌘ No que se acreditava então?

Os coraixitas vinham exigindo do Profeta ﷺ um sinal físico que provasse sua veracidade. Quando ele veio, eles não disseram «não vimos nada» — a resposta mais fácil e mais segura — mas explicaram o que tinham visto como magia. **E isso, em si mesmo, é uma admissão de que o presenciaram.**

🔗 O que diz a ciência hoje?

O versículo veio no **pretérito completo**: «a lua se partiu» — e não «se partirá». O hadith da partição é narrado no **Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim** por várias cadeias, de vários companheiros: Ibn Mas'ud, Anas, Ibn Abbas, Jubayr ibn Mut'im e Ali. Seus relatos concordam na descrição: «até que viram o monte entre as duas metades da lua». O relato alcançou o nível da transmissão massiva segundo os sábios do hadith.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

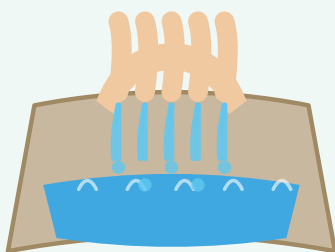
A prova aqui não está apenas no acontecimento, mas na **reação dos adversários**. O versículo lhes foi recitado em Meca enquanto viviam, afirmando que a lua se partira diante de seus olhos. Se não tivesse acontecido, o mais fácil para eles teria sido dizer: «Quando? Não vimos nada.» E eles eram os mais empenhados em prová-lo falso, e não se acanhavam de acusá-lo de poesia, de magia e de loucura. No entanto **escolheram a explicação em vez da negação** — e isso é o testemunho mais forte possível. E o próprio versículo registrou a resposta deles: «**e dizem: magia passageira**» — documentando o argumento e sua refutação juntos.

Água brotando de entre seus dedos

Ele pôs a mão naquele recipiente, e a água começou a jorrar de entre seus dedos como nascentes, e bebemos e fizemos nossas abluções. Perguntaram a Anas: Quantos éreis? Ele disse: Cerca de trezentos.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

Não brotou do recipiente... mas de entre os dedos



Cerca de trezentos homens beberam e fizeram a ablução de um só recipiente

Uma cena narrada por Anas ibn Malik, Jabir, Ibn Mas'ud e outros

Em palavras simples

A água acabou e as pessoas tinham sede. Então o Profeta ﷺ pôs a mão dentro de um pequeno recipiente, e **a água irrompeu de entre seus dedos como nascentes**, até que todo o exército bebeu e fez suas abluções.

No que se acreditava então?

Não havia poço nem chuva naquele lugar. A água, no deserto, é questão de vida ou morte. Centenas de pessoas precisavam de água ao mesmo tempo. E um recipiente pequeno não teria bastado a um só homem, entre ablução e bebida.

O que diz a ciência hoje?

O episódio é narrado nas **duas coletâneas Sahih**, por Anas ibn Malik, Jabir ibn Abdullah, Abdullah ibn Mas'ud e outros, em lugares diferentes — em Hudaybiyyah, em Tabuk e alhures. Ocorreu mais de uma vez, e milhares o presenciaram. Ibn Mas'ud diz: «Nós contávamos os sinais como bênção, enquanto vós os contaís como algo assustador. Estávamos com o Mensageiro de Deus ﷺ numa viagem e a água escasseou, e ele disse: Procurai um pouco de água que tenha sobrado...»

Por que este é um milagre decisivo?

O detalhe distintivo é o lugar da nascente: **«de entre seus dedos»**, e não do recipiente. Se alguém quisesse inventar um relato, o mais próximo seria dizer que o recipiente se encheu — isso é mais simples. Mas água brotando de entre os dedos de uma mão humana é uma descrição estranha e precisa, que não se diz senão por se ter visto. E mais importante ainda é **o número de testemunhas**: «cerca de trezentos» na narração de Anas, e mil e quatrocentos na narração de Jabir no dia de Hudaybiyyah. Um relato presenciado por tantos, depois narrado e registrado sem que um só deles o negasse, não pode ter sido inventado depois deles.

Uma medida de cevada que saciou mil

Então a levei ao Mensageiro de Deus ﷺ... e ele disse: Chama o povo do Fosso. E eram mil... E jurou por Deus que comeram até deixá-la e se afastarem, e nossa panela continuava fervendo como estava.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



O dia do Fosso — quando as pessoas amarravam pedras sobre o ventre de fome

Em palavras simples

Jabir convidou o Profeta ﷺ para uma pequena refeição, suficiente para poucas pessoas, e o Profeta ﷺ chamou mil homens que cavavam o Fosso. **Todos comeram até se saciar, e a panela continuava cheia.**

No que se acreditava então?

Isto foi nos dias mais duros do cerco. Os muçulmanos passavam fome, a tal ponto que o Profeta ﷺ havia amarrado uma pedra sobre o próprio ventre. A comida era uma medida de cevada e um pequeno cabrito — bastante para uma única casa. E Jabir havia pedido desculpas em particular à esposa pelo que fizera.

O que diz a ciência hoje?

O hadith por inteiro está no **Sahih de al-Bukhari**, narrado por Jabir ibn Abdullah sobre si mesmo e sobre sua própria situação, com detalhes domésticos precisos: sua conversa com a esposa, seu medo do vexame, a instrução do Profeta ﷺ de não tirar a panela do fogo, e sua ordem de que fosse servida com concha e não destampada. E Jabir jura ao final: «Jurou por Deus que comeram até deixá-la e se afastarem, **e nossa panela continuava fervendo como estava**» — ainda a ferver e cheia.

Por que este é um milagre decisivo?

Um episódio assim não pode ser fabricado, porque aconteceu diante de **mil testemunhas**, num lugar e num momento. Se fosse mentira, centenas no exército o teriam negado, e entre eles havia hipócritas à espreita. Mais precisamente, o narrador conta **seu próprio constrangimento** e seu medo de que a comida fosse pouca — detalhe que nenhum falsificador em busca de se exaltar acrescentaria. E há muitos paralelos nas coletâneas autênticas: a comida de Tabuk, as tâmaras de Ibn al-Jarrah e a dívida do pai de Jabir quitada com tâmaras que não teriam coberto um décimo dela.

O tronco de tamareira que ansiou por ele

A mesquita era coberta sobre troncos de tamareira, e quando o Profeta ﷺ pregava postava-se junto a um deles. Quando lhe fizeram o púlpito... ouvimos daquele tronco um som como o gemido de uma camela prenhe, até que o Profeta ﷺ veio e pôs a mão sobre ele, e ele se aquietou.

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Um tronco de tamareira que gemeu como uma camela privada de sua cria

Em palavras simples

O Profeta ﷺ costumava pregar apoiado no tronco de uma tamareira. Quando lhe fizeram um púlpito, o **tronco chorou e gemeu** até que todos na mesquita o ouviram — então ele desceu e o abraçou, e ele se aquietou.

No que se acreditava então?

Um tronco é um pedaço de madeira seca sem sensação. Que produzisse um som audível como o de uma camela apartada de sua cria é coisa sem paralelo algum. E a mesquita naquele dia estava cheia de gente, numa sexta-feira.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de al-Bukhari** e alhures, narrado por vários companheiros através de muitas cadeias: Jibir ibn Abdullah, Anas ibn Malik, Abdullah ibn Umar, Ubayy ibn Ka'b, Sahl ibn Sa'd, Buraydah e outros — a tal ponto que os sábios o contaram entre os relatos de **transmissão massiva**. Al-Hasan al-Basri disse, ao narrá-lo: «Ó muçulmanos! Um pedaço de madeira anseia pelo Mensageiro de Deus ﷺ de saudade dele; vós tendes mais direito de ansiar por ele.»

Por que este é um milagre decisivo?

A força do argumento é que isso aconteceu na **mesquita de Medina numa sexta-feira**, isto é, diante da maior reunião semanal da cidade, e não em segredo nem diante de um punhado de pessoas. Um grande número de companheiros o narrou, cada um com suas próprias palavras, e descreveram o som em termos muito próximos — «como o gemido de uma camela prenhe». E o detalhe final é o que eleva o relato acima da imaginação: que **ele se aquietou quando o Profeta pôs a mão sobre ele**, e numa narração ele disse: «Se eu não o tivesse abraçado, teria ansiado até o Dia da Ressurreição.» Um relato presenciado por uma mesquita inteira, depois narrado por dezenas de companheiros, e negado por nenhum dos presentes.

Ele descreveu Jerusalém sem jamais tê-la visto

Glorificado seja Aquele que fez Seu servo viajar de noite da Mesquita Sagrada à Mesquita mais distante, cujos arredores abençoamos.

Sura al-Isra — versículo 1



Ele contou aos coraixitas pela manhã, e eles o interrogaram sobre a mesquita porta por porta

Em palavras simples

O Profeta ﷺ foi levado de noite de Meca a Jerusalém. Quando contou aos coraixitas, eles o chamaram de mentiroso e **lhe pediram que descrevesse a mesquita** — e entre eles havia homens que a tinham visto. Ele a descreveu até que disseram: «Quanto à descrição, ele acertou.»

No que se acreditava então?

A distância entre Meca e Jerusalém é de cerca de 1.200 quilômetros, que uma caravana percorre em um mês em cada sentido. E o Profeta ﷺ **nunca em sua vida vira Jerusalém**. Em Meca havia muitos comerciantes que haviam visitado a Síria, visto a mesquita e conhecido suas feições. Assim o desafio estava em sua forma mais perigosa: **descrever um lugar que seus adversários conhecem e você não**.

O que diz a ciência hoje?

O episódio está nas **duas coletâneas Sahih** e alhures. Al-Bukhari e Muslim narram de Jabir, que Deus o agrada, que o Profeta ﷺ disse: «Quando os coraixitas me chamaram de mentiroso, pus-me de pé no Hijr, e Deus me mostrou Jerusalém, **e comecei a falar-lhes de suas feições enquanto a contemplava**.» Em outra narração perguntaram-lhe o número de suas portas e ele as enumerou. Depois falou-lhes de uma caravana deles na estrada, descreveu-a e nomeou a hora de sua chegada — e ela chegou exatamente como ele dissera.

Por que este é um milagre decisivo?

Este é um teste **imediato, direto e falsificável**, numa única sessão. Não lhe pediram que descrevesse algo ausente e inconhecível, mas um lugar **que os perguntadores conheciam** e ele não. Um único erro num detalhe teria bastado para derrubar todo o chamado naquele mesmo dia. Eles reconheceram a exatidão da descrição e depois se afastaram — como era seu hábito com todo sinal. Mas o testemunho mais forte é **a notícia da caravana**: ele lhes falou da própria caravana deles, onde estava e quando chegaria, e eles esperaram e a acharam exatamente como ele dissera, no dia em que dissera. Uma verificação independente, feita pelas mãos deles, não pelas dele.

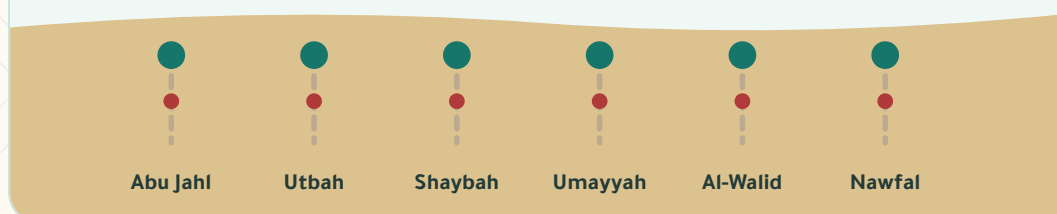
Os lugares onde os mortos cairiam

O Mensageiro de Deus ﷺ nos mostrava, no dia anterior, onde cairiam os de Badr, dizendo: Aqui é onde fulano cairá amanhã, se Deus quiser. E nenhum deles se moveu do lugar em que o Mensageiro de Deus ﷺ pusera a mão.

Narrado por Muslim — autêntico

Marcou os lugares com a mão no dia anterior à batalha

«Nenhum deles se moveu do lugar onde o Mensageiro de Deus ﷺ pusera a mão»



Lugares marcados na areia... e os corpos foram achados sobre eles

Em palavras simples

Na véspera da batalha de Badr, o Profeta ﷺ caminhou pelo campo apontando com a mão para pontos do chão e dizendo: **aqui fulano será morto, e aqui fulano**. Quando veio a batalha, nenhum deles ficou além do ponto que ele marcara.

No que se acreditava então?

Badr foi o primeiro grande confronto: os muçulmanos eram pouco mais de trezentos e os idólatras cerca de mil. Ninguém podia ter certeza de quem venceria, quanto menos nomear os mortos e os lugares em que cairiam. Na guerra os homens se movem, avançam e fogem; assim, determinar **o pedaço de chão em que cada homem tombaria** é coisa sem paralelo.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de Muslim**, de Anas ibn Malik e de Umar ibn al-Khattab. Na narração de Anas: «Ele começou a dizer: Aqui é onde fulano cairá amanhã — e pôs a mão no chão aqui e aqui. **E nenhum deles se moveu do lugar em que o Mensageiro de Deus ﷺ pusera a mão.**» Está também estabelecido que ele se pôs junto ao poço depois da batalha chamando-os pelo nome: «Ó fulano, filho de fulano, achaste verdadeiro o que teu Senhor te prometeu?»

Por que este é um milagre decisivo?

A profecia aqui está **registrada no próprio chão antes de acontecer**, e todo o exército a viu. É dos relatos mais falsificáveis de todos: bastaria um homem cair em outro lugar para que tudo ruísse diante de trezentas testemunhas. E reuniu três coisas: **nomear os indivíduos, afirmar que seriam mortos** — isto é, que a força menor venceria — e **fixar o ponto com a precisão de um palmo**. Três restrições num só relato, cumpridas no dia seguinte diante dos olhos dos dois exércitos.

O camelo que chorou e se queixou

Quando viu o Profeta ﷺ, gemeu e seus olhos correram em lágrimas. Então o Profeta ﷺ veio a ele e lhe enxugou atrás das orelhas, e ele se calou. Depois disse: De quem é este camelo?... Não temerás a Deus quanto a este animal que Deus pôs em tua posse? Ele se queixou a mim de que o deixas com fome e o esgotas.

Narrado por Abu Dawud — classificado como autêntico por al-Albani



O camelo caminhou até ele e seus olhos escorreram — à vista dos companheiros

Em palavras simples

O Profeta ﷺ entrou no pomar murado de um homem dos Ansar, e um camelo veio a ele **chorando**. Ele lhe enxugou a cabeça e o animal se acalmou. Depois chamou seu dono e lhe disse: **«Ele se queixou a mim de que o deixas com fome e o esgotas.»**

No que se acreditava então?

Um animal não se queixa nem é compreendido. E a relação de um homem com seu camelo é assunto privado entre os dois; ninguém sabe como ele o trata quando está sozinho. Assim o relato contém duas coisas de uma vez: **compreender a queixa de um animal** e **conhecer um segredo que só o dono conhece**.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está nos Sunan de Abu Dawud e no Musnad de Ahmad, de Abdullah ibn Ja'far, que Deus os agrade, classificado como autêntico por al-Albani e outros. Tem paralelos estabelecidos nas coletâneas autênticas: o hadith da **ovelha envenenada em Khaybar**, que lhe disse estar envenenada, de modo que ele se absteve e advertiu seus companheiros (al-Bukhari e Muslim), e o **hadith do lobo que falou ao pastor** e lhe anunciou a vinda do Profeta ﷺ (narrado por Ahmad e classificado como autêntico). Os árabes nada sabiam de tais coisas e as achavam assombrosas.

Por que este é um milagre decisivo?

A consequência prática do episódio é o que lhe dá significado. O Profeta ﷺ não parou em exhibir o sinal, mas o converteu numa **lei de bondade para com os animais**: «Não temerás a Deus quanto a este animal que Deus pôs em tua posse?» Isso é coerente com um capítulo inteiro de sua prática: a proibição de torturar animais e de usá-los como alvo, o hadith da mulher que entrou no Fogo por causa de uma gata que aprisionou, e o homem perdoado por causa de um cão a quem deu água. Que isso venha no século VII d.C., num ambiente descuidado com seus animais — e mais de mil anos antes da primeira sociedade do mundo de prevenção da crueldade contra animais — é outra indicação.

A ovelha envenenada que lhe contou

Uma mulher judia em Khaybar ofereceu-lhe uma ovelha assada que ela envenenara... Ele tomou um bocado dela, mas não o engoliu, e disse: Este osso me diz que está envenenada.

Narrado por al-Bukhari, Muslim e Abu Dawud

Veneno posto numa comida oferecida de presente após a conquista de Khaybar



Absteve-se e advertiu seus companheiros — e todos se salvaram, salvo aquele a quem o bocado se adiantou

Uma mulher quis pô-lo à prova: se é profeta, será avisado; se é rei, livramo-nos dele

Em palavras simples

Uma mulher judia ofereceu ao Profeta ﷺ uma ovelha assada na qual pusera veneno. Quando ele tomou um bocado, **não o engoliu**, e disse: «Esta pá me diz que está envenenada.»

No que se acreditava então?

Isto foi depois da conquista de Khaybar, com a inimizade aberta e ativa. Veneno misturado a carne assada não se detecta pela vista nem pelo cheiro. E a própria mulher disse, ao ser interrogada, que queria saber — **«se é profeta, será avisado; e se é rei, livramo-nos dele»**. Isto é: ela concebeu a coisa como um teste decisivo.

O que diz a ciência hoje?

O episódio está no **Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim** e nos Sunan de Abu Dawud e de ad-Darimi, de Anas, Abu Hurayrah, Jabir, Ibn Abbas e outros. A própria confissão da mulher e seu propósito no ato são narrados ali dentro. E Bishr ibn al-Bara, que Deus o agrade, morreu porque engoliu seu bocado antes do aviso — detalhe que nenhum falsificador acrescentaria, já que mostra que o sinal não impediu todo dano.

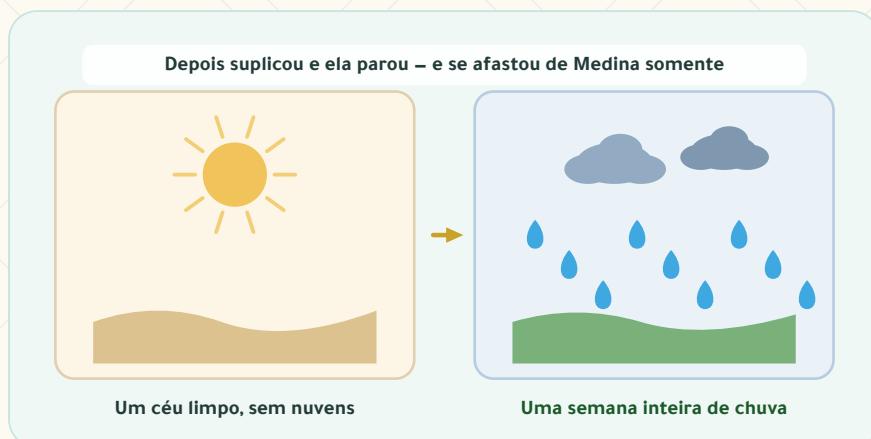
Por que este é um milagre decisivo?

O mais importante neste episódio é que **a adversária concebeu o teste** e anunciou sua condição de antemão: a profecia se conheceria por ele ser avisado do veneno. Então a condição foi cumprida exatamente, e ela o confessou diante das pessoas. Depois a coisa ganhou mais peso: **o Profeta ﷺ a perdoou** nas narrações mais conhecidas — a conduta de um homem confiante, e não de um vingador amedrontado. E o detalhe final que atesta a honestidade da transmissão é a menção da **morte de um dos companheiros** pelo veneno; a narração não embelezou o episódio nem o fez um triunfo completo, mas o relatou com sua amargura junto com sua doçura.

Chuva que veio a pedido e parou a pedido

Ele ergueu as mãos e disse: Ó Deus, dá-nos chuva... Por Deus, não víamos nuvem alguma no céu... e ele não havia baixado a mão quando as nuvens se ergueram como montanhas, e não havia descido quando a chuva lhe escorria pela barba.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Medina sob o sol enquanto tudo à sua volta chovia — como Anas o descreveu

Em palavras simples

Um homem veio queixar-se da seca durante o sermão de sexta-feira, e o Profeta ﷺ ergueu as mãos e suplicou — **com o céu limpo e sem uma nuvem**. Não havia baixado a mão quando as nuvens se ergueram, e choveu por uma semana inteira, até que se queixaram do excesso de chuva, e ele suplicou e ela parou.

No que se acreditava então?

A súplica por chuva é costume antigo entre as nações, mas é um pedido em que se espera, não uma promessa cumprida. A chuva não cai de um céu limpo em instantes. E que isso aconteça **duas vezes, em direções opostas** — caindo a pedido e depois cessando a pedido — vai além de toda possibilidade de coincidência.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está nas **duas coletâneas Sahih**, de Anas ibn Malik, que Deus o agrade. Anas descreveu a cena com precisão notável: que o céu estava inteiramente limpo, que as nuvens se ergueram «como montanhas» e que a chuva durou até a sexta-feira seguinte. Depois, quando o Profeta suplicou que ela cessasse, Anas disse: «**Parou, e saímos caminhando ao sol**», e em outra narração: «Afastou-se de Medina como se afasta uma veste» — a chuva se retirou de Medina **somente** e permaneceu por toda a volta.

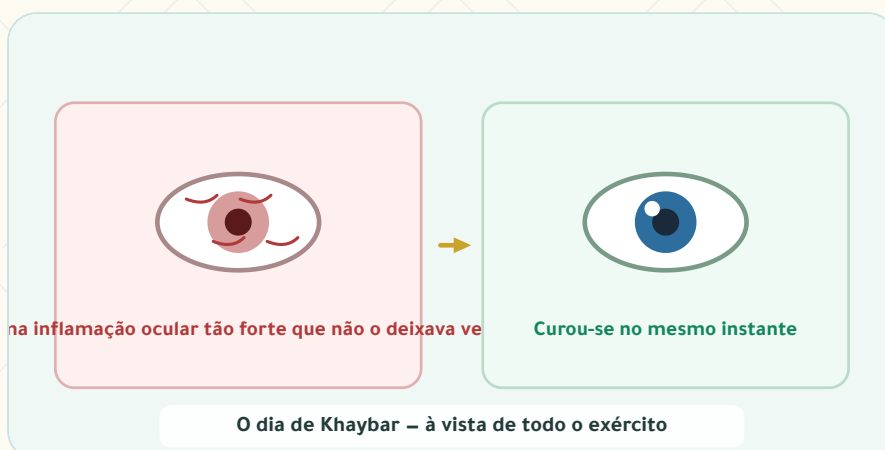
Por que este é um milagre decisivo?

O detalhe final é o mais forte do relato. De uma chuva que cai depois de uma súplica se poderia dizer que coincidiu com sua estação. Mas **seu retirar-se de Medina somente, permanecendo ao redor**, é um fenômeno que não se explica por coincidência, e todo o povo de Medina o viu com os próprios olhos num só dia. E note a formulação da segunda súplica, extremamente precisa: «**Ó Deus, ao nosso redor e não sobre nós**» — ele não pediu que a chuva cessasse por completo, mas que fosse desviada de Medina para o que estava ao redor, porque as pessoas dela precisavam. E cumpriu-se exatamente na forma precisa em que ele pediu.

O olho de Ali — e o olho de Qatadah

Ele cuspiu em seus olhos e suplicou por ele, e ele ficou curado como se nunca tivesse sentido dor alguma.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Os olhos de Ali estavam tão inflamados que mal enxergava; momentos depois o estandarte estava em sua mão

Em palavras simples

No dia de Khaybar o Profeta ﷺ disse: **Amanhã darei o estandarte a um homem que ama a Deus e a Seu Mensageiro.** Chamou Ali — cujos olhos estavam doentes de modo que não enxergava — **e cuspiu em seus olhos, e ele foi curado no mesmo instante**, e Khaybar foi então conquistada por suas mãos.

No que se acreditava então?

A inflamação dos olhos era doença bem conhecida naquele ambiente, e para ela não havia tratamento senão paciência e tempo. Não se cura em instantes. E o episódio se deu num momento militar tenso, com o exército à espera e ansioso por saber quem levaria o estandarte — Umar disse: «Nunca desejei o comando exceto naquele dia.»

O que diz a ciência hoje?

O hadith está nas **duas coletâneas Sahih**, de Sahl ibn Sa'd, Abu Hurayrah e Salamah ibn al-Akwa. Seu paralelo é o que está estabelecido sobre **o olho de Qatadah ibn an-Nu'man**, que Deus o agrade, no dia de Uhud — seu olho foi atingido e escorreu sobre a face, e o Profeta ﷺ o recolocou com a mão e suplicou por ele, e tornou-se o melhor e mais agudo de seus dois olhos. Isso permaneceu conhecido em sua família até que seu neto o mencionou ao califa Umar ibn Abd al-Aziz.

Por que este é um milagre decisivo?

Duas coisas tiram este episódio do campo da mera alegação. A primeira, que aconteceu diante de **um exército inteiro no momento da formação**, com todos os olhos sobre o portador do estandarte. A segunda — e mais importante — que a cura não foi um fim em si, mas **condição para o cumprimento de uma missão**: o estandarte lhe foi entregue de imediato e ele saiu a combater, e a fortaleza foi conquistada por suas mãos naquele mesmo dia. Se ele não tivesse sido verdadeiramente curado, isso apareceria dentro de uma hora. Quanto ao olho de Qatadah, sua marca permaneceu **visível por décadas** — um sinal que as pessoas viam no rosto do homem por toda a sua vida, e não um relato apenas narrado.

Suraqah e a égua que afundou no chão

Enquanto eu cavalgava minha égua... ela tropeçou e eu caí... Depois montei de novo, e quando os dois homens apareceram, suas patas dianteiras afundaram no chão até os joelhos.

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Um perseguidor que saiu por cem camelos... e voltou pedindo salvo-conduto

Em palavras simples

Suraqah saiu em perseguição ao Profeta ﷺ e a Abu Bakr durante a Hégira. Cada vez que deles se aproximava, **as patas de sua égua afundavam no chão firme** até os joelhos. Percebeu que estava impedido, e lhes pediu salvo-conduto.

No que se acreditava então?

Os coraixitas haviam oferecido cem camelos a quem trouxesse Muhammad ﷺ, vivo ou morto. E Suraqah era um cavaleiro hábil e experiente dos Banu Mudlij, gente de rastreamento e leitura de pegadas. A cena se deu em pleno deserto, sem para onde fugir, e os dois homens não tinham proteção alguma.

O que diz a ciência hoje?

A história em todos os seus detalhes está no **Sahih de al-Bukhari**, dentro do longo hadith da Hégira narrado por Aisha e Abu Bakr, e **o próprio Suraqah a narra** depois de sua conversão. Ele registrou que sua égua afundou sob ele mais de uma vez, que tirou a sorte com flechas e saiu o resultado que lhe desagradava, e o desobedeceu — e então, ao desesperar-se, gritou oferecendo salvo-conduto e lhes ofereceu provisões e suprimentos. O Profeta ﷺ escreveu-lhe uma garantia de segurança, que ele trouxe no dia da conquista de Meca. E foi naquele instante que ele lhe disse: «Como será quando usares os dois braceletes de Cosroes?» — que ele mais tarde usou.

Por que este é um milagre decisivo?

O mais forte no relato é que **seu narrador é o próprio adversário**. Suraqah não era muçulmano no dia do episódio; era o perseguidor cobiçando a recompensa. Aceitou o Islã anos depois e contou às pessoas o que lhe havia acontecido. E o testemunho de um adversário contra si mesmo, admitindo seu fracasso e o que viu, está entre os mais altos graus de prova para os estudiosos da transmissão. Note também o detalhe estranho que ninguém inventaria: que a égua afundou **várias vezes, não uma só**, e que a cada vez ele voltava à tentativa, até que por fim se desesperou. Um perseguidor que inventasse uma história não a narraria com essa insistência repetida em matar.

Salman, o Persa, e os três sinais

E descreveu-me sua descrição: ele não come da caridade, aceita um presente, e entre seus ombros está o selo da profecia.

Narrado por Ahmad e Ibn Hibban — cadeia sólida

Três sinais que ele mesmo testou

- ✓ Ofereceu-lhe caridade... e ele não comeu
- ✓ Ofereceu-lhe um presente... e ele comeu com eles
- ✓ Olhou-lhe as costas e viu o selo da profecia

E aceitou o Islã ali mesmo

Um homem que atravessou a Pérsia e a Síria em busca destes três sinais

Marcas ouvidas de um monge cristão antes da missão... e depois encontradas

Em palavras simples

Salman, o Persa, deixou a religião de seu povo e percorreu as terras em busca da verdade, até que um monge lhe confiou três marcas do profeta esperado. Ao chegar a Medina, **ele mesmo testou as três marcas e as encontrou** — e aceitou o Islã.

No que se acreditava então?

O Povo do Livro na Síria e alhures aguardava um profeta a ser enviado na terra dos árabes, e transmitiam suas marcas. Salman saiu da Pérsia e circulou entre os monges por muitos anos, até ser vendido como escravo e chegar a Medina — anos antes da Hégira.

O que diz a ciência hoje?

A história é narrada pelo próprio Salman no Musnad de Ahmad, no Sahih de Ibn Hibban e na biografia de Ibn Ishaq. Nela, ele trouxe tâmaras e disse: isto é caridade. O Profeta ﷺ disse a seus companheiros: «Comei», e não comeu. Depois trouxe outras tâmaras e disse: isto é um presente. E comeu com eles. Então Salman passou por trás dele para olhar, e o Profeta ﷺ compreendeu o que ele queria e deixou o manto cair de suas costas, e Salman viu o selo, e se lançou sobre ele beijando-o e chorando.

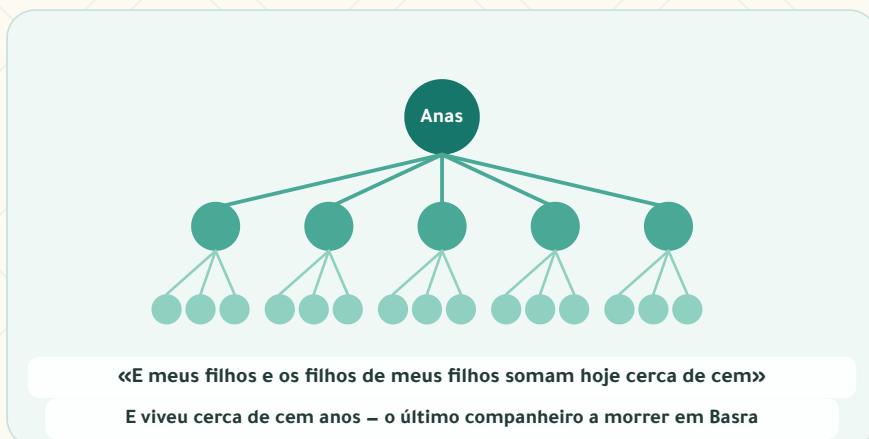
Por que este é um milagre decisivo?

Isto não é um milagre cósmico, mas **um teste científico organizado** em todos os sentidos: hipóteses especificadas de antemão, um experimento para cada uma, e um resultado a ser aceito ou rejeitado. Salman não aceitou o Islã por um argumento lógico nem por uma emoção, mas depois de **as três condições se cumprirem**. E a mais precisa delas é a segunda: a distinção entre **caridade e presente** — uma norma jurídica particular ao Profeta ﷺ (a caridade lhe é proibida, o presente é lícito), e que ninguém alcançaria por adivinhação. Várias narrações registram que monges e rabinos descreveram essas marcas antes da missão — entre eles o monge Bahira, Zayd ibn Amr ibn Nufayl e Abdullah ibn Salam.

Ele suplicou por Anas — e ele se tornou o mais rico dos Ansar

❖ *Ó Deus, multiplica seus bens e seus filhos e abençoa-o no que lhe deste. Disse Anas: Por Deus, meus bens são abundantes, e meus filhos e os filhos de meus filhos somam hoje cerca de cem.* ❖

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Uma súplica numa casa pobre... cujo destinatário testemunhou seu cumprimento a vida inteira

🔍 Em palavras simples

Umm Sulaym pediu ao Profeta ﷺ que suplicasse por seu filho Anas, e ele suplicou por **bens abundantes, muitos filhos e bênção**. E Anas viveu para ver tudo isso com seus próprios olhos e contá-lo às pessoas.

⌘ No que se acreditava então?

Anas era então um menino de dez anos, que serviu o Profeta ﷺ por dez anos. Sua família não estava entre as mais ricas dos Ansar nem entre as mais numerosas. E a súplica abrangia **três coisas específicas**, mensuráveis ao cabo de uma vida: bens, filhos e bênção em ambos.

🌀 O que diz a ciência hoje?

O hadith está nas **duas coletâneas Sahih**. E o próprio Anas narra seu cumprimento décadas depois, jurando por Deus: «Meus bens são abundantes, e meus filhos e os filhos de meus filhos somam hoje cerca de cem.» Numa narração, cerca de cento e vinte de seus descendentes já tinham sido sepultados antes de al-Hajjaj chegar a Basra. Seu pomar dava fruto duas vezes por ano. E ele viveu quase cem anos, e foi **o último dos companheiros a morrer em Basra**.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

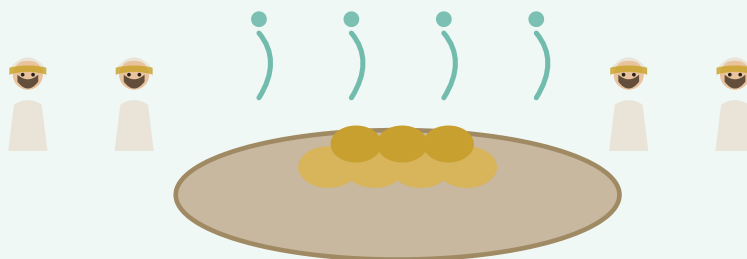
Este é um tipo diferente de prova: **uma profecia cujo próprio destinatário testemunha o cumprimento e o narra**. O narrador é ao mesmo tempo o beneficiário e a testemunha, e a narra em Basra com milhares ao seu redor que conhecem suas circunstâncias e veem seus filhos, seus netos e seus bens. Se tivesse exagerado, o povo de sua própria cidade o teria desmentido. Há muitos paralelos estabelecidos: sua súplica por Ibn Abbas pelo entendimento e pela interpretação do Alcorão, de modo que se tornou «o sábio da comunidade»; sua súplica por Sa'd ibn Abi Waqqas para que suas súplicas fossem atendidas, de modo que se temiam suas preces; e sua súplica contra um homem que comia com a mão esquerda por arrogância, de modo que nunca mais pôde erguê-la à boca. Relatos separados sobre pessoas separadas, cada um falsificável por si.

A comida que glorificava a Deus diante dele

Nós ouvíamos a comida glorificar a Deus enquanto era comida.

Narrado por al-Bukhari — autêntico

Um som ouvido da comida enquanto era comida



Todos os presentes o ouviram — narrado por Ibn Mas'ud, que Deus o agrade

Eles contavam esses sinais como bênção, não como algo assustador

Em palavras simples

Ibn Mas'ud, que Deus o agrade, disse: «**Nós ouvíamos a comida glorificar a Deus enquanto era comida**» — isto é, ouviam um som de glorificação vindo da comida na presença do Profeta ﷺ.

No que se acreditava então?

As coisas inanimadas não têm voz. A comida é comida em silêncio. Que dela se ouvisse glorificação é coisa sem paralelo na experiência de ninguém. E nada do gênero foi relatado de pessoa alguma senão do Profeta ﷺ.

O que diz a ciência hoje?

O relato está no **Sahih de al-Bukhari**, no capítulo dos sinais da profecia no Islã. Abdullah ibn Mas'ud o narra no plural: «**Nós ouvíamos**» — isto é, uma observação coletiva repetida, e não um episódio isolado. Seu paralelo é o relato estabelecido das **pedrinhas que glorificavam a Deus** em sua palma, e o da pedra que o saudava em Meca, como está no Sahih de Muslim de Jابر ibn Samurah: «Conheço uma pedra em Meca que me saudava antes de eu ser enviado; conheço-a ainda agora.»

Por que este é um milagre decisivo?

A forma plural e contínua é onde reside a força: «**nós ouvíamos**». Se tivesse acontecido uma só vez, ter-se-ia dito «ouvimos». A forma empregada indica repetição e hábito — isto é, era coisa familiar entre eles e conhecida do grupo. Algo assim não se fabrica num ambiente com centenas de testemunhas vivas. E o Alcorão enuncia o princípio geral por trás de todo este tema: «**E não há coisa alguma que não O glorifique com louvor, mas vós não compreendeis sua glorificação**» — a glorificação é constante em tudo, e o que aconteceu na presença do Profeta ﷺ foi o **levantar do véu para ouvi-la**, e não a criação de algo novo.



Uma segurança prometida

Agora marchamos sobre eles, e eles não marcham sobre nós

Por Deus, não chegarão a ti sem que eu morra antes de ti... E ele disse ﷺ no dia do Fosso: Agora marchamos sobre eles e eles não marcham sobre nós; nós é que vamos a eles.

Narrado por al-Bukhari — autêntico

Um anúncio estratégico pronunciado no momento mais duro do cerco

O Fosso, ano 5 H.

Hudaybiyyah, ano 6 H.

Khaybar, a conquista de Meca, ano 8 H.

«Agora marchamos sobre eles e eles não marcham sobre nós; nós é que vamos a eles.»

Depois do Fosso, os coraixitas não atacaram Medina nem uma única vez

Uma inversão completa da iniciativa... anunciada antes de acontecer

Em palavras simples

Depois que os exércitos dos Confederados se retiraram de Medina, o Profeta ﷺ disse: «**Agora marchamos sobre eles e eles não marcham sobre nós; nós é que vamos a eles.**» E desde aquele dia os coraixitas nunca mais atacaram Medina.

No que se acreditava então?

O cerco do Fosso foi a coisa mais dura por que os muçulmanos passaram. Dez mil combatentes cercaram Medina, os judeus dos Banu Qurayzah romperam seu pacto por dentro, e havia fome, frio e medo. O Alcorão diz: «**e os corações chegaram às gargantas, e fizestes sobre Deus toda sorte de suposições**». E foi exatamente nesse momento que a inversão da iniciativa foi anunciada.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de al-Bukhari**. E aconteceu exatamente como ele disse: depois do Fosso (ano 5 da Hégira), os coraixitas nunca mais marcharam contra Medina. Ao contrário, os muçulmanos passaram a ser os iniciadores: Hudaybiyyah no ano 6, depois Khaybar no ano 7, depois a conquista de Meca no ano 8, depois Hunayn e Tabuk. Este é um fato militar reconhecido em todos os livros de biografia e história.

Por que este é um milagre decisivo?

Este é **um anúncio estratégico, não espiritual**, o que o torna aberto a exame puramente histórico. E foi feito **no pior momento possível** — quando todo indício dizia o contrário. A regra conhecida é que quem sobrevive a um cerco sufocante se ocupa em reparar sua posição, não em atacar. Note a formulação do hadith: ele não disse «venceremos» — o que é fala genérica compatível com qualquer coisa — mas especificou **a transferência da iniciativa**: «nós é que vamos a eles». E essa é uma descrição precisa do que de fato aconteceu nos três anos seguintes: toda campanha posterior saiu de Medina em vez de vir até ela.

Por que confiamos nesses relatos?

❖ *Ó vós que credes! Se um perverso vos traz uma notícia, verificai-a, para que não prejudiqueis um povo por ignorância e vos torneis arrependidos do que fizestes.* ❖

Sura al-Hujurat — versículo 6

Os critérios de aceitação de um relato entre os estudiosos do hadith

- ✓ Uma cadeia ininterrupta na qual cada transmissor é nomeado
- ✓ A probidade e a exatidão de cada transmissor — com sua biografia registrada
- ✓ Que o relato esteja livre de anomalia e de defeito oculto
- ✓ Que os fiáveis concordem entre si na formulação e no sentido
- ✓ Uma ciência sem igual em nenhuma outra nação

A ciência da crítica: as vidas de centenas de milhares de transmissores registradas e examinadas

🔍 Em palavras simples

Esses relatos não nos chegaram como histórias passadas de boca em boca. Chegaram através de **um sistema rigoroso de documentação**: cada relato tem uma cadeia de transmissores nomeados, e cada transmissor tem uma biografia escrita que examina sua honestidade e sua memória.

⌘ No que se acreditava então?

As nações anteriores ao Islã transmitiram os relatos de seus profetas sem cadeias. Não se sabe quem transmitiu de quem, nem quando foram postos por escrito, nem se o transmissor era digno de confiança. Por isso, nos livros das nações, o sólido se mistura com o forjado, e a história com a lenda.

🔗 O que diz a ciência hoje?

Os muçulmanos criaram **a ciência da cadeia de transmissão** e **a ciência da crítica e da autenticação**, registrando as biografias de centenas de milhares de transmissores: o nascimento e a morte de cada um, seus mestres, seus alunos, suas viagens, o estado de sua memória, se sua mente falhou na velhice, e se outros corroboraram o que narrou. Os livros de transmissores — como Tahdhib al-Kamal e Mizan al-I'tidal — são vastas enciclopédias disso. O orientalista alemão Sprenger disse que os muçulmanos produziram uma ciência biográfica para a qual as outras nações não conheceram igual.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

Note que os relatos desta seção compartilham traços difíceis de contornar: **sua ocorrência diante de grande número de testemunhas** — mil no Fosso, trezentos em Badr, uma mesquita inteira no hadith do tronco de tamareira; **sua narração por várias cadeias independentes** de companheiros que não conspiraram para inventá-los; **a inclusão do que não é lisonjeiro** — a morte de um companheiro pelo veneno, o receio de Jabir de que a comida fosse pouca; e **o silêncio dos adversários quanto a refutá-los**, sendo eles os mais ansiosos de todos por fazê-lo. E não há homem na história humana cujos relatos, ditos e atos tenham sido transmitidos com tal precisão e detalhe.

Fontes: «ابن الصَّلاح — مُقَدِّمَةُ ابْنِ الصَّلاح» · الخطيب البغدادي — «الكفاية في علم الرواية»